

Relatório de aulas: Sociologia Econômica

Aula 1 – 07/08

Na primeira aula foi apresentada a ementa da disciplina, assim como seus objetivos e o conteúdo programático. Foi definido que a disciplina seguirá o plano de ensino elaborado pelo professor John Wilkinson do CPDA/UFRRJ. Ao longo do curso de sociologia econômica vamos observar as convergências e divergências entre a teoria econômica e a sociologia no que se refere dentre outros temas ao comportamento econômico, a racionalidade e os mercados.

Aula 2 – 14/08

Nessa aula discutimos os principais pontos trazidos na introdução do livro de Rafael Marques “A nova sociologia econômica”. A obra traz os principais autores e destaca a evolução dessa matéria ao passar dos anos. Destaca que a disciplina ficou anos adormecida por anos e viu outras formas de análise do comportamento econômico florescerem. Todavia a partir da década de 80, alguns estudiosos voltaram a analisar o comportamento econômico sob a ótica da sociologia econômica, agora chamada de nova sociologia econômica. Autores como Mark Granovetter, se destaca como o maior de seus teóricos e Swedberg, como o maior divulgador dos méritos.

O texto traz pontos interessantes como a redescoberta de Granovetter da tese da Incrustação na qual múltiplos fatores que levam o agente econômico a tomar decisões, o que refuta o primado do homo economicus e do homo sociologicus. Traz abordagens contrárias ao senso comum, como ao destacar que em alguns casos o monopólio não é prejudicial aos consumidores e que as empresas lutam pela sobrevivência, sendo a eficiência somente um fator secundário para se atingir esse fim.

Outros temas se destacam na obra analisada. Tais quais o destaque para três conceitos nucleares: confiança, redes e capital social. Em relação a confiança, destaco a afirmação de que “não é a confiança que se constitui em elemento civilizacional, mas a desconfiança. É por haver uma crise de confiança que surgem as instituições e os contratos”. Em relação ao capital social, “diz respeito a normas gerais de reciprocidade, com expectativas de compensação de favores”.

Por fim é aberta uma discussão sobre a questão do mercado. Ao mesmo tempo que se acusa a teoria econômica de ser muito rasa na análise dos mercados, se destaca que mercado e moralidade estão sempre relacionados e se conclui com as abordagens de Zelizer e Fligstein, na qual o primeiro defende um modelo essencialmente culturalista de mercado, enquanto o segundo destaca o fator político cultural, no qual cada ator busca a estabilização e o controle da competição.

Aula 3 – 28/08

Participação no Encontro da Rede de Estudos Rurais na UFSC - Grupo de Trabalho nº 10 que tinha como tema: Redes de cooperação para Mercados Inclusivos e Sustentáveis.

Coordenado pelos professores Oscar José Rover (UFSC) e Janaína Diniz (UnB) tinha como foco principal de análise e debates “os objetivos, impactos e potencialidades das redes de cooperação que se formam para atuar na organização e/ou inserção em mercados que sejam inclusivos e sustentáveis”.

O debate se iniciou com um tema diretamente ligado a Nova Sociologia Econômica: A construção social dos mercados. Os mercados são socialmente construídos na medida em que é a relação entre seus participantes que o gera. Assim sendo, diversos fatores são considerados no momento de se negociar e realizar transações, não somente a questão monetária, mas também as relações sociais entre os envolvidos. As questões culturais, e a relação de confiança que o relacionamento contínuo agrega são parte fundamentais desse cenário.

Outra questão destacada, no tocante da agricultura familiar, são os circuitos curtos de comercialização, permitindo acesso a novos mercados, sem a influência dos grandes varejistas e assim permitam a prática de preços mais justos para o agricultor.

Dentre os trabalhos apresentados, um destacava a questão das dinâmicas de gourmetização e valorização de modos de vida ditos “naturais”. Tal cenário poderia trazer uma oportunidade para o pequeno produtor se diferenciar e aproveitar o aumento da demanda para poder praticar um preço mais justo.

Todavia, essa questão foi esclarecida na aula posterior, onde foi considerado que muitas vezes a questão puramente financeira não deve ser a principal a ser analisada. Questões culturais como a manutenção do homem no campo as tradições no processo de produção dos alimentos e a relação entre os participantes dessa rede, devem ter peso considerável na análise sobre a implantação de novas práticas que imponham uma cultura externa aos meios de produção locais.

Aula 4 – 04/09

Debate sobre a obra A sociologia Econômica de Philippe Steiner.

O livro de Steiner aparece como uma complementação ao de Marques. Apresentando os diversos objetos que a sociologia aborda como a sociologia econômica de mercado, a construção social das relações mercantis, temáticas como as redes sociais e a inserção cognitiva e busca as referências dos grandes clássicos, Pareto, Durkheim e Weber, demonstrando a particularidade na visão de cada um desses autores principalmente na relação da sociologia econômica com a teoria econômica pura.

A nova sociologia econômica, considera que as relações mercantis são dadas por aspectos que superam a simples questão da racionalidade econômica. Compreender os comportamentos econômicos, considerando as instituições estabelecidas, sendo essas geradas por uma história, por relações sociais que não podem ser desconsideradas no momento que a relação é estabelecida.

Também é abordada fortemente as questões da importância das redes sociais, principalmente na introdução da ideia de Granovetter sobre a importância dos laços fracos. O capital social, também tem papel relevante nas relações sociais. Sendo que muitas vezes a relação de confiança entre os agentes supera a simples questão econômica.

Por fim a inserção cognitiva é apresentada em sua relação com o mercado. Mais uma vez é contestada a capacidade do ser humano de agir como apresentado na teoria econômica neoclássica.

O debate em sala de aula, passou por esses aspectos, tendo se destacado a crítica quanto o comportamento racional que por si só não pode ser considerado o único motivador da ação humana. Os fatores que levam a realização da ação humana englobam a cultura, as crenças e as relações sociais dos agentes.

Também foi citado o exemplo do mercado varejista na França e no Japão, e como a formação dos mercados acontecem dentro de certas culturas, e moldadas por elas. O debate sobre a pluralidade das relações sociais e como ela influencia as relações mercantis.

Aula 5 – 11/09

Foram analisados dois artigos. O primeiro deles, ‘A ação econômica e estrutura social: O problema da imersão’ de Mark Granovetter, analisa o nível de imersão do comportamento econômico nas relações sociais. O texto aborda as concepções super e subsocializada da ação humana na sociologia e na economia. Granovetter aponta que o nível de imersão é mais baixo do que aquele sustentado pelos substantivistas e teóricos do desenvolvimento ao mesmo tempo que também é mais alto do que consideram os economistas.

A questão da atomização também foi amplamente debatida, que ocorre quando o agente é caracterizado de forma extrema, sendo totalmente influenciado pelo meio onde está inserido, e assim age como o coletivo, ou por outro lado, é um agente com racionalidade ilimitada sempre apto a maximizar a utilidade esperada em todos os seus atos.

Outro ponto bastante abordado em aula foi a questão da confiança e da má fé. Até que pontos as instituições envolvidas evitavam as fraudes e o oportunismo e facilitavam as transações. Foi abordada também a questão do Pacto Social de Hobbes e sua relação com o nível de imersão da vida econômica e que sem ele poderia ser assolado pela desconfiança e má fé.

O segundo artigo de Cécile Raud-Mattedi faz uma análise crítica da sociologia econômica de Mark Granovetter. A primeira crítica se refere a uma postura ambígua a respeito das relações entre ciências econômicas e Sociologia econômica. Ela defende que em alguns momentos ele se utiliza da abordagem individualista como na economia, mas que em outros momentos trabalha com o modelo de agente supersocializado.

Aula 6 – 25/09

Debate sobre os artigos “ Economic Social Action and Social Network Influences” de François Collet e “Embeddedness and Beyond Institutions, Exchange, and Social Structure” de Victor Nee e Paul Ingram.

A aula começou com um debate sobre o artigo de Nee e Ingram, num primeiro momento foi abordada a questão do teorema de Coase, no qual, quando o custo de transação é baixo ou inexistente o próprio grupo, pode compensar uma externalidade negativa com o pagamento de uma compensação de modo que o resultado ótimo será atingido. Tal análise considera a relação entre as partes, fazendo um paralelo com a colocação de Granovetter sobre as redes sociais.

Ainda nesse texto, com base também no vídeo da Marilena Chauí sobre as instituições, ficou claro que elas possuem papel primordial na organização das sociedades, influenciando as ações sociais e sendo formada historicamente por essas, possuindo assim uma legitimidade, seja cultural, seja de costumes ou até religiosa. Em contrapartida as organizações têm regras claras e específicas para se atingir um objetivo em um determinado período de tempo. Ou seja, cumprida a missão, as organizações devem se reinventar ou deixar de existir, trabalhando num modelo de operação.

O artigo de Collet, por sua vez, faz uma crítica a teoria de Granovetter ao considerar que em sua análise, Granovetter considerava somente a motivação utilitarista e dava pouca relevância para as instituições. Críticas essas, exemplificadas, pelo exemplo de Bourdier com os trabalhadores da Argélia, que não conseguiam influenciar as regras do jogo, por ter pouco capital cultural e pouca participação nas tomadas de decisão dos negócios aos quais estavam envolvidos.

Também foi debatida a questão da visão neo institucionalista e sua análise em relação a relação mercantis e sociais dentro de pequenos grupos, considerando também as normas informais.

Aula 7 – 02/10

Essa aula foi destinada para lembrarmos os principais conceitos estudados na primeira etapa da disciplina. O primeiro tema abordado foi sobre o vídeo da Marilena Chauí, com destaque para a diferença entre Instituição e organização. Enquanto a instituição tem legitimidade histórica, e demora para se consolidar as organizações existem por período específico e para um fim específico. Finalizada a operação, ela deixa de existir.

Outro tópico que teve destaque foi a sobre a visão da nova sociologia econômica em relação ao sujeito subsocializado ou supersocializado. Nesse aspecto a questão da motivação que leva o sujeito a agir, na visão de Granovetter seria um misto de seus objetivos individualistas com a influência da sociedade na qual está inserido, com destaque para os costumes e as instituições.

Ainda sobre Granovetter, a sua abordagem sobre redes sociais e a importância dos laços fracos, e como as redes influenciam e são influenciadas pelas questões da confiança e do capital social.

Foi abordada também a visão dos clássicos, principalmente Durkheim e Weber e o dilema da ação coletiva.

Para finalizar, um último ponto que obteve destaque na aula de fechamento, foi a visão da Nova Economia Institucional, sua colocação sobre as instituições e a abordagem de Wilkison que o objetivo das relações está sempre em reduzir os custos de transação.

Aula 8 – 09/10

Dois artigos foram debatidos sendo o primeiro sobre a contribuição de Polanyi para a Nova Sociologia Econômica. O destaque de sua obra está no fato dele considerar a relação do indivíduo com o ambiente. Polanyi defende que o sistema que tem o mercado como elemento central só surgiu após a era capitalista. Todas as civilizações até então, não tinham o mercado como prioridade de suas ações, mas apenas como parte delas, dessa

forma não seria possível ter o modelo néo-clássico das ciências econômicas como base para se avaliar o comportamento do agente em relação as trocas mercantis.

O segundo artigo debatido, foi o de Cécile Raud Mattedi que trata sobre a construção social do mercado na visão dos clássicos Weber e Durkheim. Como esse foi o texto que fiz as perguntas orientativas, acho que enriquecerá esse relatório, transcrever as perguntas e respostas na íntegra:

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MERCADO EM DURKHEIM E WEBER: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica - Cécile Raud-Mattedi

Perguntas:

1 - Swedberg e Steiner/Gislain tem posições contrárias no que diz respeito a relação da nova sociologia econômica (NSE) com a sociologia econômica clássica (SEC). Qual é a posição de Cécile Raud-Mattedi nesse dilema?

2 - De acordo com Cécile, na visão de Weber e Durkheim, os atores se comportam de modo autômato, priorizando os seus interesses individuais de acordo com os estímulos do mercado?

3 - Na visão de Durkheim, qual a crítica é feita aos economistas e como ele identifica o mercado?

4 - Em relação ao papel das instituições na regulação do mercado, qual o significado das instituições para Durkheim e Weber?

5- Para Weber, a tradição e as normas sociais vão de encontro a lógica do mercado? Qual a diferença de racionalidade formal da economia e racionalidade material?

6 - Quais as semelhanças e diferenças da análise de Durkheim e Weber em relação ao papel das regras jurídicas, confiança e previsibilidade.

7 - Qual seria o papel do Estado na regulação do mercado?

Respostas:

1 - Enquanto Swedberg defende que a NSE se distingue radicalmente da SEC por ter como núcleo de sua análise, assim como na economia, o mercado, enquanto Gislain e Steiner consideram que o objetivo e o meio permanecem os mesmos.

Cécile defende que Durkheim e Weber iniciaram o estudo sociológico do mercado em termos de construção social, contribuindo assim diretamente para a emergência da NSE na década de 1970. Ambos refletiram sobre o papel das instituições na orientação do comportamento do ator econômico e, portanto, na regulação do mercado, com conclusões frequentemente semelhantes.

(pag. 127/128)

2 - Não. Em ambos os autores os atores se comportam de acordo com elementos subjetivos, que não são individuais, mas sociais, isto é, enraizados no longo prazo e veiculados pelas instituições. Ou seja, no quadro de trocas mercantis, os atores

econômicos não levam em conta somente o seu próprio interesse, mas também o contexto institucional.

(pag. 138/139)

3 – Durkheim acusa os economistas de utilizar pré noções, isto é, conceitos econômicos que não foram definidos cientificamente, mas que fazem parte do senso comum. Durkheim considera o mercado como um fato social, identifica o mercado como uma das instituições relativas à troca, e destaca o papel socializador do mercado no quadro da divisão social do trabalho.

(pag. 128)

4 – Se para Durkheim as instituições determinam o comportamento dos indivíduos, para Weber elas apenas os orientam. Segundo Weber, não é a norma em si que explica a ação social, mas a apropriação que o ator faz dessa norma. Weber defende que a norma pode influenciar a conduta com diferentes graus de consciência: Costume, cálculo utilitário ou respeito valorativo da norma. Já Durkheim, defende que a estabilidade do sistema de troca generalizada, que constitui a sociedade moderna, depende do respeito a regras preestabelecidas, sua análise das instituições econômicas pode ser caracterizada em termos de custos de transação. (pag. 130)

5 – Para Weber, uma regulação pela tradição ou por convenções é contrária ao espírito racional da economia.

A racionalidade formal da economia refere-se à aplicação rigorosa da lógica fria do cálculo de custo e benefício, do grau de cálculo tecnicamente possível a que ela realmente aplica, ou seja, a medida que suas providências possam ser quantificadas. A economia moderna é o arquétipo da atividade econômica formalmente racional, na medida que é orientada para o lucro.

A racionalidade material por sua vez garante a possibilidade de avaliar atividade econômica sob outros pontos de vista. Exigências éticas, políticas, de classe e igualitárias podem ser mobilizadas para apreciar a atividade econômica no contexto de uma racionalidade em valor ou de uma racionalidade material em finalidade. Nesse sentido avalia os resultados em termos de repartição dos bens entre os diversos grupos sociais, em termos de hierarquia social, ou ainda em termos de outros critérios de valor.

Weber ainda destaca que as duas formas de racionalidade discrepam em princípio, em todas as circunstâncias, mesmo que possa ocorrer ocasionalmente uma coincidência.

(pag. 131/132/133)

6 – Ambos consideravam o direito como um instrumento facilitador, no sentido de assegurar a confiança entre os atores econômicos.

Para Durkheim o contrato é a base da relação mercantil, mas as relações não contratuais formais ou informais também se desenvolvem. Em sua visão o direito aparece como instituição que permite economizar tempo social e reduzir os conflitos de mercado, na medida que define os direitos e deveres de cada um.

Para Weber o direito é um pré-requisito para a emergência do capitalismo, de modo que a ordem jurídica e a ordem econômica estão fortemente relacionadas. O direito permite assegurar a confiança no mercado na medida que aumenta as chances de que os contratos sejam respeitados. Outra observação de Weber é que as pessoas respeitam as regras jurídicas, não por obediência sentida como dever jurídico, mas por uma variedade de motivos, indo do utilitário ao ético.

(pag.135/136)

7- Para Weber o Estado assegura a estabilidade das regras do jogo, ou seja, a manutenção de um ambiente político e econômico previsível. Para Durkheim o Estado influencia indiretamente o mercado, uma vez que assegura não só o respeito aos contratos e à propriedade privada, por meio da garantia dos direitos individuais, mas também a justiça das trocas. Ambos reprovam uma intervenção direta do Estado na economia.

(pag. 137/138)

Aula 9 – 16/10

Hoje o debate foi sobre a tese de dois doutorandos:

Primeiramente, Givaldo Bezerra da Hora apresentou a sua tese sobre a inclusão e exclusão territorial de vitivinicultores no contexto da indicação geográfica vales da uva Goethe.

A temática principal é que a indicação geográfica traz a possibilidade de valorizar toda a região produtora, que ao seguir determinados padrões na produção, muitas vezes peculiaridades resultantes das condições geográficas locais ou até mesmo em função da tradição, e assim acabam por conjuntamente receberem uma espécie de selo de qualidade que servirá como instrumento alternativo de valorização dos ativos territoriais.

A teoria das redes sociais de Granovetter foi utilizada para demonstrar as relações entre os produtores e os seus mais diversos stakeholders, onde os laços fracos tinham influência nas formas de desenvolvimento e distribuição da produção.

Assim, os produtores locais enraizados no território e as relações que possuem com diferentes agentes da cadeia produtiva, tem papel primordial na possibilidade de acesso a novos mercados, e a indicação geográfica é certamente uma ferramenta que pode ajudar nesse objetivo.

A segunda tese analisada foi de Larisse Kupski sobre o confronto entre a *illusio* e a prática docente no campo do *management*.

A autora faz uma crítica a forma de organizar do *management* quando aplicada de forma a perpassar as mais diversas áreas e organizações incluindo a educação e as instituições de ensino. Para ela, pensar os professores nesse contexto envolve discutir relações de dominação em que estão inseridos.

Para embasar sua colocação ela recorre a teoria de Pierre Bourdieu, na qual se percebe a importância de desvelar a dominação, os mecanismos que permitem e levam ao domínio dos agentes e sua reprodução no espaço social.

A tese questiona os institutos federais, que ao considerarem que a carreira docente deve ser baseada no modelo de *management*, vinculado a um investimento na carreira atrelado a ilusão, em confronto com as ações diárias e práticas dos professores pesquisadores das universidades tradicionais.

Aula 10 – 23/10

Os dois artigos clássicos de Granovetter sobre a força dos laços fracos (1973 – 1983) como nova forma de se avaliar as redes sociais e sua importância para explicar o funcionamento dos mercados e das relações que se estabelecem entre as relações.

Os laços fracos, caracterizados pela baixa intensidade de suas relações tem importância fundamental para a expansão das redes. Através de pontes entre diferentes redes, os laços fracos possibilitam a inovação e a ampliação do conhecimento pois envolve pessoas com diferentes níveis de conhecimento, enquanto aquelas pessoas com as quais se tem laços fortes, via de regra, possuem os mesmos interesses devido a intensidade da relação.

O exemplo utilizado, se trata em relação a obtenção de um emprego ou o desenvolvimento profissional, que depende basicamente de laços fracos, sendo possível concluir que possuem forte influência na estrutura social e que não é apenas a motivação individual que gera a ação social.

Aula 11 – 30/10

Os textos analisados em sala de Beckert e Fligstein e tratavam sobre a sociologia dos mercados, cada um pela sua perspectiva.

Beckert, focava muito na questão da ordem, que na sua visão se faz necessária para o funcionamento do mercado. Sua análise se baseia principalmente em três grandes problemas; o problema do valor, da cooperação e da competição. E é através deles que os mercados vão se transformando e enquanto alguns mercados se desenvolvem, outros acabam por desaparecer.

Beckert coloca que os mercados são arenas de interação social caracterizados pela competição entre os atores. Também cita o clássico artigo de Akerlof sobre o mercado de carros usados nos EUA no qual é feita uma profunda análise sobre a questão da assimetria de informação e suas consequências no mercado, voltando o enfoque para a questão da confiança e do aumento dos custos de transação gerados pela falta dela.

Já o artigo de Fligstein traz a questão das abordagens de redes, instituições e performatividade, além da economia política e ecologia populacional. Ao agregar todas as correntes num único artigo, seu intuito é demonstrar que existe uma grande convergência entre os teóricos da nova sociologia econômica e de suas visões em relação aos mercados. A questão principal é que muitas vezes o argumento se repete, mas com nomenclaturas diferentes, o que acaba por impedir um maior desenvolvimento da disciplina. Se os estudiosos se baseassem nas obras já existentes seria possível manter um entendimento global sobre o tema e colocar fatos novos sobre uma estrutura já consolidada. Ou seja, embora existam argumentos divergentes, a maior parte das análises feitas em relação a sociologia dos mercados tem similaridades consideráveis em sua essência.

Aula 12 – 06/11

Como estava fora do estado não pude comparecer a esse encontro, mas o texto trabalhado foi sobre o significado social do dinheiro, de Viviana Zelizer. Ela traz uma concepção histórica e social para o uso do dinheiro, deixando claro que o dinheiro é mais do que meio de trocas, unidade de conta e reserva de valor como pregam os economistas. Em sua abordagem histórica sobre como as famílias se relacionam com o dinheiro, Zelizer destaca dentre outros fatores principalmente a questão orçamento doméstico e a relação da mulher com a gestão desse recurso. Dessa maneira é possível observar que a função utilitarista do dinheiro tem uma certa contradição no que tange a qualidade do chamado dinheiro especial.

Partindo dessa perspectiva, Zelizer aborda as maneiras como as mulheres lidavam com o dinheiro. A necessidade de ter um “dólar pra chamar de seu”, também conhecido como o dinheiro do alfaiate, era um dilema na época. A administração do orçamento familiar algumas vezes era feita através de uma mesada dada pelo marido à esposa, até o cenário inverso, comum na classe operária, quando a mulher que fazia a gestão do orçamento e ela que dava uma quantia para o marido, mesmo sendo esse que de fato trabalhou pelo recurso. Também se destaca questão éticas e culturais como por exemplo a quem pertence o dólar esquecido no bolso da calça do marido e o caixa 2 que algumas mulheres faziam ao gastar menos do que o que recebia para os suprimentos da família.

Aula 13 – 13/11

Novamente dois doutorandos compartilharam com a turma os seus projetos e foi possível observar a aplicação prática de diversos conceitos estudados nas aulas anteriores. Pedro se propôs a realizar uma análise descritiva da amostra de Fortaleza Slow Food no Brasil considerando a dinâmica institucional, descrevendo o campo e seus atores e discutindo a lógica das Redes Agroalimentares Alternativas e também trouxe um Quadro Teórico-Conceitual que ajuda a ligar a teoria com a prática observada.

Dentre os pontos teóricos citados no trabalho destaco a abordagem sobre a classe ociosa de Veblein, a questão da causalidade reconstrutiva descendente de Geoffrey Hodgson, da habilidade social e cooperação de Neil Fligstein e da Tecnologia social, como a cumulatividade do conhecimento neo-schumpeteriana.

O segundo trabalho da Mariana traz um aprofundamento sobre a produção artesanal do queijo de leite cru. Um trabalho muito minucioso e detalhado retrata a situação dos agricultores familiares e das adversidades enfrentadas por eles. Na minha visão especificamente foi muito válida esse estudo pois trouxe resposta a uma indagação feita na terceira aula quando participamos do Encontro de Redes de Estudos Rurais. Ela responde porque os altos preços praticados pela onda gourmetização de alimentos orgânicos não transfere renda para os pequenos agricultores familiares. Segue sua justificativa:

“Apesar do momento oportuno para a discussão e valorização do mercado artesanal, uma ressalva é feita para o fato de que ao apresentar a valorização dos pequenos proprietários rurais, com as imposições de qualidade, definida pelas grandes redes de comercialização, é possível gerar exclusão do agricultor familiar do cenário em virtude dos desafios desse novo mercado. Esse acontecimento pode significar um aumento de custo para o pequeno produtor e uma conversão tecnológica intensa nas pequenas propriedades. Assim como o crescimento da demanda e a valorização dos produtos artesanais precisam ser encarados

com cautela, pois essas novas demandas e exigências dos consumidores acerca dos produtos de qualidade diferenciada, muitas vezes, acabam representando um obstáculo a mais a ser vencido pelos pequenos produtores. Com pouco acesso à informação sobre as alterações no perfil da demanda de alimentos, os pequenos produtores enfrentam dificuldades para compreender a transformação estrutural nos mercados, por isso na maioria das vezes, não conseguem colocar em prática estratégias apropriadas para tirar proveito das oportunidades que os novos tempos trazem. Em sua maioria, continuam produzindo alimentos e matérias-primas de baixo valor, agregando pouca renda”.

Aula 13 – 20/11

O paradoxo da escolha é um conceito que contesta a máxima do livre mercado de que quanto mais escolhas temos, melhor será o resultado final. É fato que alguma escolha é melhor que nenhuma escolha, mas quando temos um leque muito grande de escolhas, a expectativa de encontrar a alternativa perfeita e o sentimento de que poderíamos ter feito uma escolha melhor diminui a satisfação com a escolha feita. Dessa maneira, Schwartz traz de volta o conceito de Herbert Simon que para se ter maior satisfação as escolhas devem ser de fato “satisfazentes” ou seja, boas o suficiente. Ele conclui que as escolhas que tentam atingir a maior satisfação possível, acabam por ser decepcionantes, e que indivíduos maximizadores, por fim tem menores pontuações numa escala de felicidade.

O texto de Steiner trata como as organizações pode atuar para permitir que uma doação seja feita para pessoas que vivem em outras regiões. O estudo das dádivas tem respaldo nas ciências Sociais, principalmente dentro de um mesmo grupo. Dessa maneira a dádiva organizacional permite esticar o braço da dádiva descrita por Mauss e complementar esse ato com ainda mais abrangência.

Por fim o artigo de Beckert traz uma perspectiva da importância do imaginário e das possibilidades infinitas que o futuro nos traz, como motor principal da manutenção do sistema capitalista. Segundo Beckert, a dinâmica capitalista possui quatro componentes, e eles só são possíveis porque na visão dos atores econômicos mais dinheiro poderá possibilitar aproveitar mais oportunidades no futuro e diminuir os riscos inerentes a falta dele.

São eles: Dinheiro e Crédito; Investimento; Inovação e Consumo.

Assim, o que precisa ser explicado é como esses fatores se relacionam com a ação social. Uma vez que é a ação dos agentes que modifica os cenários, trazendo investimento e inovação. Essa ação só é possível devido as expectativas ficcionais contingentes, visto que para atingir seus objetivos os agentes acabam criando um ambiente de competição capitalista, que é basicamente uma batalha para estabelecer e alterar expectativas.

Conclusão:

Como economista e profissional do mercado, a disciplina me proporcionou um contato com os pensadores da sociologia econômica que foram muito enriquecedores. Diversas abordagens sobre a formação social do mercado ou sobre como se dá a relação de

troca de mercadorias e serviços permitiram uma ampliação da visão que eu tinha até então, fortemente influenciada pela escola néo-clássica que tive contato na graduação, e pela questão dos vieses cognitivos e da economia comportamental que já havia estudado por conta própria

Dessa maneira, fiquei muito satisfeito com a oportunidade de participar das aulas e agradeço ao professor pela condução da disciplina permitindo o debate e a exposição de ideias de todos os alunos.

Dentre os textos estudados, gostei muito da visão de Zelizer, sobre o significado social do dinheiro e do texto trabalhado na última aula de Jens Beckert sobre as expectativas ficcionais.

Referências:

Marques, R. “Os Trilhos da Nova Sociologia Econômica” in A Nova Sociologia Econômica, Celta, 2003.

Steiner, P. A Sociologia Econômica, Atlas, 2006.

Granovetter, M. “Ação Econômica e Estrutura Social: o Problema da Incrustação” in A Nova Sociologia Econômica, (op. cit.) Publicação original: American Journal of Sociology, 91, 1985

Raud-Mattedi, C. “Análise Crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação” in Política e Sociedade, v. 6 pp 59-82, Florianópolis, 2005

Collet, F. “Economic Action and Social network Influences. A Discussion around Mark Granovetter’s Sociology of Economic Life, European Sociological Association Conference, 2003

Nee, V. & Ingram, P. “Embeddedness and Beyond: Institutions, Exchange & Social Structure” in The New Institutionalism in Sociology, Stanford, 1998

Raud-Mattedi Cécile, “A construção Social do Mercado em Durkheim e Weber”, Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2005

Vinha, V. de, “Polanyi e a Nova Sociologia Econômica: Uma aplicação Contemporânea do Conceito do Enraizamento Social”, Economica v 3 n2 dez. 2001

Granovetter, Mark S. The Strength of Weak Ties. American Journal of Sociology, Volume 78, Issue 6 (May, 1973), 1360-1380

Granovetter, Mark S. The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. Sociological Theory, Vol. 1 (1983), 201-233.

Beckert, Jens. The Social Order of Markets. MPIfG Discussion Paper

Flingstein, Neil. Dauter, Luke. A Sociologia dos Mercados

Zelizer, Viviana A., O significado social do dinheiro: “dinheiros especiais”, in A nova sociologia Economica, Celta 2003

Beckert, Jens. Reimaginando a dinâmica capitalista: Expectativas ficcionais e o caráter aberto dos futuros econômicos.

Steiner, Philippe. A dívida organizacional: Dívida à distância e circuitos de troca.

Schwartz, Barry. The Tyranny of Choice.

Schwartz, Barry. The Paradox of Choice: Why More is Less